

Temporalidade da transição entre a psicoterapia e a psicanálise.

"Nunca peça orientação a alguém que conheça o caminho, pois você não se desviará"

Rabino Nahman de Bratslav

Todos nós podemos ver hoje que está se tornando difícil criar as condições para uma análise de acordo com as modalidades "clássicas", o que não significa que os pedidos estejam secando, porque o endereço da "psi" foi democratizado à medida da angústia e da solidão dos seres humanos, mesmo que eles estejam hiperligados. Mas nossa época se tornou uma época de eficiência, de objetivação e de exigência de cessação rápida dos sintomas ou da angústia, uma exigência apoiada pela multiplicidade de psicoterapias sustentadas pela ideologia da felicidade promovida pela sociedade de consumo.

No entanto, este objetivo utilitário esbarra no caráter paradoxal do sintoma como um núcleo de verdade que o sujeito tem tão caro como a maçã de seu olho, mesmo que ele sofra com isso, estando ali o sintoma, como diz Lacan, para fazer reconhecer um desejo (ou, mais freudianamente, como uma formação de compromisso entre um desejo e sua defesa). Fingir curá-lo não leva a nada se não a pior porque o desejo em dor permanece ali e se reaparece de uma forma ou de outra.

O que distingue a psicanálise e quais são as suas modalidades? O sofá é três vezes por semana essencial para que o trabalho analítico ocorra? Acho que não. Mas hoje precisamos de mais tempo para desdobrar as coordenadas de um pedido, para abrir a atenção da pessoa que chega às conotações de sua palavra e ao peso singular das palavras, antes de considerá-lo. Um tempo de apoio ativo durante uma situação crítica da vida, que mais tarde permitirá ao sujeito levar seu questionamento para além da crise, pode às vezes ser necessário. Devemos também levar em conta a situação material precária daqueles que vêm até nós, especialmente os jovens, sem negar o valor de suas palavras através do investimento necessário. A aposta é de ambos os lados e nunca sabemos de antemão.

Este tempo preliminar, que pode ser longo, é no entanto analítico se seu objetivo não for a cura do sintoma e a resposta à demanda manifesta, mas a abertura do inconsciente e o efeito do sujeito que pode ser produzido. É óbvio que se esta abertura não ocorrer e se a pessoa que vier permanecer frustrada pela ausência de resposta a seu pedido de conselho ou receitas para melhorar, se não puder aceitar o menor desvio do que diz, o menor ponto de interrogação, e se não conseguir ouvir a si mesmo, irá embora. É o status da palavra que deve mudar para passar da submissão ao discurso do mestre e aos significantes mestres de algum terapeuta ou guru, ou de uma simples conversa amigável sem dissimetria, para uma palavra de análise aberta pela escuta de seu eco no analista. Como François Perrier a formula¹, para o analista: *"Não é uma questão de responder, mas de enviar de volta (...) enviar de volta o eco significativo da pergunta, tal é a função do relançamento para que o outro que somos não seja a função de uma fechadura na porta aberta da pergunta feita"*. Não poderíamos dizer que quando esta abertura à alteridade em si mesma ocorre, as condições **éticas** de uma análise são colocadas em prática, quaisquer que sejam as modalidades das sessões?

Além das regras deontológicas óbvias, do respeito à regra fundamental ou das sessões perdidas, o papel do analista é permitir que o analisado faça uma identificação inicial de algo em seu discurso que lançará nova luz sobre sua reclamação no presente. Isto pode ser muito pequeno: uma conexão inesperada que se revela entre palavras ou situações, um trocadilho, um deslize da língua, uma descoberta casual que desencadeia surpresa e um certo entusiasmo pelas formações do inconsciente. Uma exigência de verdade e autenticidade, além de qualquer preocupação com a auto-imagem, surgirá então, em conexão com esta dimensão ética. O analisado percebe que sua palavra não está vazia, que ele está dizendo mais do que ele pensava que estava dizendo, e sabendo, no início. Ele então se sente mais comprometido e através de seu discurso, guiado por este conhecimento desconhecido vislumbrado, além de qualquer sugestão. Este cruzamento subjetivo torna então possível a

¹ François Perrier, "La chaussée d'Antin", Albin Michel, 1994.

"passagem para o sofá" porque o analisando, que se tornou sensível à ressonância de suas próprias palavras, terá menos necessidade de se apegar ao olhar do analista.

Esta abertura do inconsciente terá que ser mantida posteriormente, cultivando um certo suspense e uma lacuna na compreensão que permitirá o relançamento da palavra. Ela não é constante ao longo do tempo de uma análise, mas quando ocorre uma vez, a transferência é estabelecida porque a demanda inicial é deslocada e se toma como um enigma, uma busca por algo outro. Ocorreu uma mudança de discurso, da qual Lacan diz que o amor é seu signo, ou seja, o amor de transferência.

Com os 4 discursos, Lacan tentou articular, confiando na lógica matemática, a estrutura que condiciona os enunciados dos parlêtres, amarrando assim o sujeito individual ao coletivo. Resumidamente traduzido neste escrito, pudemos ler a entrada em análise como uma passagem de diferentes posições, por exemplo:

Do **discurso do mestre**, onde o orador procura obter conhecimento para usá-lo e restaurar seu controle. Ele se apresenta sem um inconsciente, o agente de um discurso imperioso (S1) que coloca seu interlocutor a trabalhar para produzir um conhecimento (S2) que lhe permitirá eliminar a falha que ele sente ou o que lhe falta (a). Ele não está dividido e ainda não pode subjetivar o que está acontecendo com ele. O lugar da verdade, que se ignora, é a espera (\$). Para mudar para outro discurso, o interlocutor simplesmente se abstém de responder ao pedido.

Do **discurso histérico**, onde o orador se apresenta como dominado por seus sintomas (\$) e o outro a quem ele se dirige, supostamente sabendo o que fazer (S1), é novamente colocado para trabalhar em seu lugar. Espera-se que ele produza conselhos ou um curso de ação para curar o sintoma (S2). Entretanto, o duplo status do sintoma, entre desejo e verdade, que não pode ser dito de outra forma, permite que o objeto a seja escrito na posição de verdade, como a causa do desejo.

Ao trabalhar para colocar aquele que fala como sujeito de seus sintomas para trabalhar, o conhecimento produzido é de outra natureza do que o esperado e é o analisando que o produz, mesmo que ele ainda não esteja ciente de ser o depositário do mesmo. O **discurso**

psicanalítico é então estabelecido onde é o sujeito dividido que está em uma posição de trabalho (\$). O agente do discurso, o que o coloca nesta posição, é uma questão sobre seu desejo e o que o causa (a). São então produzidos significantes primordiais singulares (S1). Este novo discurso é apoiado pelo conhecimento inconsciente (S2) na posição de verdade. Lacan acrescentou a estes quatro discursos o discurso capitalista e também se referiu a um 6o discurso² que Nestor Braunstein chama de "discurso dos mercados", baseado em tecnociências e cujo agente é o servomecanismo (um objeto, dispositivo ou substância que acreditamos controlar, mas que nos controla). Não vou desenvolver aqui seu ponto de vista, que está no centro da questão deste congresso, mas me refiro ao seu livro: "El inconsciente, la técnica y el discurso capitalista" (O inconsciente, a técnica e o discurso capitalista)³ - e gostaria de aproveitar esta oportunidade para saudar sua memória, que é também a de Barcelona.

Nestor Braunstein nos alerta para o fato de que este novo discurso "praga" compartilha a mesma estrutura do discurso psicanalítico, mas apenas na aparência, porque suas funções são radicalmente opostas, assim como Lacan sugeriu que o discurso psicanalítico era o antídoto para o discurso capitalista e para o que ele pode gerar em termos de alienação, o oposto do discurso do mestre. Mais uma razão para apoiar o lugar do discurso psicanalítico no mundo vivo dos parlêtres que não são nem robôs nem imagens. Essa seria a nossa ética.

Sandrine Malem, março de 2023.

² Em seu discurso na Universidade de Milão, 12 de maio de 1972.

³ Em francês : "Malaise dans la culture technologique - L'inconscient, la technique et le discours capitaliste" - Ed. Le bord de l'eau, 2014.